S. PAULO (Brazil) | Sabbado, 20 de janeiro de 1912 | ANNO XI — NUMERO 122

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

DA PORTA DE EUROPA

O patriarca proíbe as associações cultuais — O que da sua circular dizem um deputado e o ministro — O governador do bispado do Porto e o bispo da Guarda seguem o patriarca — As cultuais em França: recuos do govêrno — Serão fechadas as igrejas? — Põe-se em dúvida a firmeza do Estado até ao fim — Entre os dois, venha o diabo e escolha... — Em França: o Estado contra o Proletariado — Aplicam-se de novo as «leis sceleradas» — Um incrivel assalto domiciliario — Um Dreyfus pobre reclama os esforços dos grandes batalhadores da justiça!... — Rousset victima da vindicta militarista: o calvario dum trabalhador fardado.

LISBOA, 24 DE DEZEMBRO

Uma circular do patriarca de Lisboa, Mendes Belo, veio deitar lenha no fogo do conflicto entre o Estado e a Igreja, num dos pontos mais delicados da contenda: as associações cultuais determinadas na lei de separação. O prelado ordena o seguinte (vão as proprias palavras da circular):

1.° Que nenhum pároco, nenhum sacerdote, nem católico algum pode tomar parte em associação cultual, ou contribuir direta ou indiretamente para a sua formação, no sentido e nos termos do decreto com força de lei de 20 de abril proximo pretérito, sob pena de ser, para todos os efeitos, banido e considerado como verdadeiro scismatico, e como tal incurso nas penas consignadas contra os scismaticos na bula apostólica e Sedis;

2.° Que são verdadeiramente scismaticas as associações cultuais que se constituirem com o caracter definido no aludido decreto, não sendo, conseguintemente, licito ao paroco respectivo, nem aos fieis, comunicar com semelhante associação ou receber d'ela quaisquer subsídios;

3.° Que se algum reverendo presbítero, por deliberação propria ou por instigação d'outrem, ousar, por qualquer forma, atentando contra os direitos do legitimo paroco e com menospreso da autoridade aclesiastica, de quem depende, intrometer-se no regimen religioso de alguma paróquia e ahi tentar estabelecer a associação cultual, incorrerá, com a nota de scismatico, nas penas inflingidas aos que usurpam a jurisdição eclesiastica, ficando irregular, se nessas condições exercer as suas ordens, e como tal deve ser considerado pelo clero e fieis;

4.° Se nalguma paróquia for encerrada a igreja paroquial, deverá o rev. paroco ou o M. R. vigario informar-nos do ocorrido, a fim de adotarmos as providencias que tivermos por convenientes.

Interpelado por um deputado sobre este documento, o ministro da justiça respondeu que já oficiára ao patriarca e que a lei ha de ser cumprida com prudencia, mas com firmeza. Segundo o deputado interpelante, o homem de Igreja, instigando os párocos à desobediencia e atacando a lei de separação, incorreu em várias penalidades, entre as quais a pêrda dos benefícios materiaes do Estado, como por exemplo o usufruto do paço episcopal.

O interpelante afirmou que as cultuaes estavam no espírito do clero, como o prova o facto de já funcionarem no 4.° bairro da capital; e o ministro, do seu lado, ajuntou que a lei de separação mantêm todas as instituições que estavam estabelecidas destinadas ao culto e respeita todas as justas regalias dos párocos e prelados, sendo nesse ponto muito mais liberal do que a lei francesa.

Os bispos, naturalmente, teem mais do que os outros padres as suas razões para defender a jerarquia católica; e o exemplo do patriarca deve ser seguido pelos outros antistes. Pelo menos já o foi pelo governador do bispado do Porto e pelo batalhador bispo da Guarda, os quais também prescrevem aos párocos que se oponham à transformação das irmandades em cultuais.

Até onde irá o conflito? Recuará a Igreja? Recuará o Estado?

Os ministros prometem firmeza e dizem que a lei portuguesa é mais liberal que a francesa. Mas é preciso saber que em França o Estado recuou duas vezes.

A lei de separação de 1905 estabelecia as associações cultuais. O papa condenou-as e os católicos não as constituiram. Veio então a lei de 2 de janeiro de 1907, que permitiu as associações ordinarias, regidas pela legislação anterior a 1905, e as reuniões convocadas por iniciativa individual, conforme as leis comuns. Mas essas leis exigiam uma «declaração prévia» e a Igreja recurau satisfazer essa formalidade. Novo recuo do Estado que, para encobrir a retirada, aboliu a necessidade de tal declaração para toda a gente, clérigos e leigos...

Segundo a lei portuguesa, artigos 90 e 91, se até 31 de dezembro de 1912 não se constituir na paróquia uma corporação encarregada pelos fieis de prover ao culto público católico, os edificios e objectos cultuais serão destinados a qualquer fim de interesse social.

Ainda ha dias se lia num jornal a seguinte notícia, relativa a Lisboa:

A irmandade do Santissimo, da freguesia dos Anjos, deliberou não aceitar o encargo de se constituir em associação cultual da respectiva igreja, e, sendo ouvidas pelo respectivo administrador as demais irmandades erectas na área daquela freguesia, fizeram todas egual declaração.

Por tal motivo, a igreja dos Anjos terá de encerrar-se, de armonia com a lei, como já sucedeu com a igreja de Alcântara.

Mas se as associações cultuais não se constituirem pelo país, poderá o govêrno mandar encerrar e vedar ao culto os templos católicos? Em Lisboa, a empresa não seria arriscada; mas nas aldeias? Não foram as comissões de inventário muitas vezes hostilmente recebidas pelo povo, quando iam proceder ao arrolamento dos bens cultuais, por se ter divulgado que iam «roubar os santos»? Não seria isso para os crentes uma violencia intoleravel?

Não se pode afirmar com segurança que as coisas chegarão a esse ponto; mas se lá chegarem, o mais provavel é que o Estado ceda — como em França.

E' sem dúvida detestavel ouvir palavras de hipócrita liberdade da boca traiçoeira e liberticida de padres; mas se Igreja não pode inspirar-nos simpatia nem piedade, esta guerra de prerogativas e supremacias não é tampouco de molde a restituir-nos a nossa confiança no Estado, o nosso amor ao poder civil...

Porque elle amanhã repetirá o gesto autoritario contra nós...

*

Em França, não é agora contra a Igreja, mas contra a Confederação Geral do Trabalho, que o Estado dirige sobretudo os seus golpes. Fala-se numa nova legislação de combate contra as organizações operarías confederadas e poderosos comités industriaes e financeiros pedem nada menos do que a dissolução pura e simplesmente do organismo confederal...

E' provavel que nenhum governo se meta nisso ou que o Estado, caso o empreenda, tenha de recuar como ante a Igreja. Ha sempre certo limite que a violencia do poder não consegue ultrapassar.

Entretanto, o govêrno de Caillaux, que pretende ter pulso, vai procurando ferir individualmente os militantes da Confederação. As famosas «leis sceleradas», promulgadas em 1893 e 1894 num momento de terror pânico, pelas quais foi suprimido o júri em certos delitos de pensar, abolida a publicidade dos debates, punida a propria propaganda privada e secreta e inventada a pena acessoria da deportação para os que forem condenados a uma pena superior a um ano de prisão, tendo já sofrido outra pena de mais de três mezes (monstruosidades juridicas essas todas aproveitadas e agravadas por João Franco na sua não menos famosa lei de 13 de fevereiro), essas leis sceleradas começam a ser aplicadas contra os sindicalistas, por palavras mal referidas por um vil espião qualquer! Já Dumoulin, inteligente e ponderado propagandista, se viu por elas condenado.

A perseguição é tambem contra os jornalistas e escritores revolucionarios. E por processos novos. Vigné d'Octon, competentissimo em assuntos coloniais, possuia documentos comprometedores para um ministro, Cruppi, e para varios «gafanhotos» que devastam as colonias francesas. Que fazer? Nada mais simples: durante a ausencia do escritor e sob pretexto duma cobrança judicial, é lhe invadido o domicilio por arrombamento, apesar dos protestos da porteira, que queria pagar e é maltratada, e os preciosos papeis são roubados...

Do seu lado, «a justiça militar», tão atacada pelos actuais governantes no tempo da questão Dreyfus, que lhes rendeu o poder, continua a fazer das suas. Mas desta vez não é contra um capitão milionario: é contra um pobre homem do povo fardado.

O soldado Rousset, dum batalhão disciplinar da Argélia, viu o seu camarada Aernault assassinado à pancada pelos sargentos e um tenente. Sabendo o perigo em que incorria, denunciou corajosamente o crime. Em vão o oficial instrutor o avisou de que, «se êle nada perdoava ao exército, o exército nada lhe perdoaria...» Rousset, mais heroico que os tantas vezes falsos herois dos campos de batalha, manteve a sua denúncia. Foi condenado a 5 anos de presídio, ao passo que os assassinos, processados pelos pais da vítima, foram absolvidos!

Rousset foi, porêm, restituido ao exército por um energico movimento de opinião, e ia terminar o seu tempo quando foi cumprida a promessa feita pelo oficial instrutor: o exército nada lhe perdoaria... Houve entre dois soldados uma rixa a que êle assistiu: um dos contendores foi esfaqueado. Eureka! O assassino serviu cômo testemunha de acusação e, embora o ferido, antes de morrer, tivesse declarado a inocencia de Rousset, este foi condenado a 20 anos de trabalhos forçados! O proprio presidente do conselho de guerra deixára escapar a confissão de ser tudo aquilo uma coisa obscura...

Organiza-se agora em favor do perseguido uma viva campanha de imprensa e de comícios; mas nela não tomarão parte os outrora fogosos defensores do capitão milionario...

Neno Vasco

Biblia vermelha

...Ha mais Deus com certeza
Nos cardos seccos dum rochedo nú
Que numa biblia antiga... O' natureza,
A unica biblia verdadeira és tú...

Guerra Junqueiro.

*
* *

Não é só o desenvolvimento das idéas de Jesus que nos è obscuro, mas a sua existencia inteira.

Strauss.

*
* *

O sobrenatural encerra a crença do passado, a dúvida do presente e a negação do porvir.

J. Lopez Montenegro.

*
* *

Com as investigações scientificas feitas dia a dia, mais poderão os nossos descendentes conhecer de materia religiosa do que nós actualmente. Em épocas futuras, quando alguem declarar possuir esta ou aquella crença religiosa, expôr-se-á á gargalhada e será considerado uma reliquia pagã.

Brito Bethencourt.

O que succederia



se houvesse inferno

HOSTIAS AMARGAS

O «607»

O sacerdote italiano Rabagliatti, communicou á imprensa conhecer um especifico para curar a lepra. Quem descobriu esse remedio foi um doente, já desenganado, que começou a tomar banhos de cosimento de folhas de eucalyptus, ficando completamente são.

Os medicos que o tratavam deram ao cosimento o nome de «607», empregando-o com admiraveis resultados em outros leprosos.

Este carapetão foi transcripto d'*O Lidador*, folha ultramontana, orgam diocesano do Estado de Goyaz.

Parmai, Besnier, Gaucher, Neisser, Jeauseline, Zambaco, paimai, ó vós todos que tendes consumido a vossa existencia nos laboratorios de bactereologia e nos hospitaes a estudar essa molestia horrorosa que é a lepra!

Um padre *Rabutalho* qualquer descobriu um espicifico contra essa molestia que até hoje tem zombado da sagacidade dos scientistas e esse especifico é o cosimento do eucalyptus em banhos!

Tal a novidade que a folha clerical de Goyaz apresenta aos seus leitores e que estes acceitarão piamente, com aquella ingenuidade e simpleza de muita gente para quem... suor de padre é tão sagrado como os santos óleos.

Emfim, lá está nas escripturas: bemaventurados os pobres de espirito...

*
* *

A «TOLERANCIA» DELLES

A Igreja Catholica é a *synthese da tolerancia*. Sim, principalmente quando não tem por si o braço secular, isto é, o apoio do poder civil.

No caso contrario, porem, ai! de quem ousa contradize-la, duvidar dos seus absurdos, descrer dos seus dogmas anti-racionaes.

Quando ha dias, na sua conferencia no Club Militar o sr. Carlos de Laet apresentava a sua Igreja como possuindo no mais alto grau o espirito de tolerancia, elle deveria para ser leal, traduzir para os seus ouvintes um pequeno trecho de uma obra recente do dominicano Lepicier, theologo de renome em todo o mundo catholico e homem que gosa de grande prestigio no Vaticano, de uma de cujas mais importantes congregações faz parte como membro. Essa obra é intitulada — *De stabilitate et Progressu Dogmatis*.

Depois de haver sustentado a superioridade do poder ecclesiastico sobre o poder civil, e ainda mais que o Papa tem o direito de depor (sic) os governos que apostatarem, (dir-se-á que estamos em pleno feudalismo medieval) o padre Lepicier escreve ás paginas 173 e 174 do seu trabalho:

«*Si alguem faz, em publico,* profissão de heresia ou tenta perverter outros pela palavra ou pelo exemplo, obra de excommungado, *deve tambem ser morto* para que seu perigoso contacto não seja causa da perda dos outros.

«Um homem mau semelha uma fera, *deve ser eliminado, é uma acção meritoria mata-lo*: é um insultador da verdade divina, *inimigo da saúde espiritual dos outros homens.*»

E todas estas phrases, que traduzem o verdadeiro caracter tyrannico, despotico e sanguinario da Igreja Catholica escriptas em pleno seculo XX!!!

Bemdigamos nós, os livre-pensadores, a Revolução Franceza que, proclamando os direitos do homem, direitos que nenhum poder do mundo tem autoridade para supprimir ou sequer cercear, fez figurar entre elles o seguinte, que é o asylo inviolavel da razão e o ponto de partida do progresso philosophico dos ultimos tempos da humanidade:

«Ninguem deve ser inquietado por causa das suas opiniões mesmo religiosa, contando que a sua manifestação não perturbe a ordem publica estabelecida pela lei. Todo o cidadão pode falar, escrever e imprimir livremente.»

Ignoto.

Fructo prohibido

Apesar dos protestos do Santo-Synodo, desde o 1.° de maio ao 1.° de setembro de 1911 publicaram-se na Russia 2.226.100 exemplares das obras de Tolstoi. Só uma casa de Moscou, «Posrednick», imprimiu 1.804 200 exemplares. Outro editor, Setine, poz em circulação 200.000 exemplares. As obras que se vendem mais são as de tendencias sociaes.

A censura official tambem não descansa: desde 1906 foram confiscadas 44 obras diversas de Tolstoi.

A Divindade e o direito de matar

(Sem o temor de Deus, o homem tornar-se-ia uma fera.)

E' este o principal argumento com que os crentes e seus dirigentes, sinceros ou não, costumam justificar a guerra que movem áquelles que querem arrancar do cerebro do povo, libertando-o, a fatal e inepta concepção de um mytho nascido da ignorancia de épocas remotas que se perdem na noite dos tempos.

Mas que valor tem uma tal affirmação dogmatica ante a brutalidade dos factos que todos os dias se desenrolam por diante dos nossos olhos, ante as monstruosidades inauditas commettidas por esta mesma gente que crê ter um dia que prestar contas de seus actos ao terrivel e inexoravel juiz de cujas sentenças não ha recurso possivel?

Os recentes episodios que têm tido por theatro o norte do paiz, attestam pelo contrario que, longe de attenuar o instincto da besta, a ideia da existencia de uma divindade de caracter duplo — bom e feroz a um tempo — torna o homem igual a esta divindade, escravo dos seus caprichos e por elles tudo sacrificando.

No seu livro de alta moral — «Resurreição», pag. 69, diz Tolstoi: «Em todo homem ha dois homens: o homem *moral*, disposto a não buscar o seu bem senão no bem dos seus semelhantes; e o homem *animal*, não procurando senão o seu bem individual e prompto a sacrificar por elle o bem do mundo inteiro!»

Ora, este homem moral póde ser encontrado entre aquelles que crêem e os que negam, porém ainda não se vio monstros iguaes aos criados pelas religiões, sobretudo a catholica romana.

Para que então estranhar o que ora se passa por ahi além? Não é esta mesma gente sahida dos estabelecimentos clericaes de ensino que conduz e impelle a massa estupida e ignorante a executar as suas ordens insensatas?

Não são estes mesmos que vão aos templos ouvir missa e bater nos peitos, os homens bons, instruidos e de moral elevado e puro, como elles se julgam, que assim procedem para saciar os seus appetites?

Lembram-se, por acaso, antes de commetter taes actos, daquelle mandamento imperioso do Deus que adoram e que diz: — Não matarás?!

Por certo que não.

Reflectindo-se bem, tudo se explica entretanto e pode-se tirar de tão extranho proceder a seguinte conclusão: sendo Deus o senhor e o homem seu escravo, é claro que o direito de matar deve pertencer ao primeiro, isto é, a Deus. (Não ha, creio, sobre este ponto duas opiniões). Isto, porém, só durou emquanto existiu um senhor. Dahi para cá o numero destes tem-se multiplicado de tal forma que matar gente tornou-se para elles a cousa mais vulgar, mais sem importancia deste mundo. Para elles só, bem entendido, porque para os escravos este direito lhes será sempre vedado enquanto existirem.

Portanto é natural o que vai succedendo: aqui, hoje; acolá, amanhã.

Deixemos, pois, de coleras descabidas e de lamentações inuteis.

CAUTERIOS

LX

Em Roma foi preso um falso padre, accusado de grandes falcatruas.
(Vide *Lanterna Magica*),

Que exquisitice, meus senhores!
Dentre milhões de salteadores
Prende-se um só, que impudicicia!
Porque o tolissimo expoliava
Sómente os grandes e roubava
Sem ter licença da policia!

Beato da Silva

Elles têm o direito de matar e usam delle á vontade, como entendem.

O sangue corre no norte, exclamam; amanhã será no sul ou no centro!

E' preciso ponderar, entretanto, que ha um fim mais alto em vista. Temos que atacar ou sermos atacados e antes de sabermos atirar sobre o estrangeiro é necessario irmos experimentando as armas modernas na pelle dos nacionaes, na gente de casa, o que é um pouco mais facil e menos perigoso...; é uma escola de tiro mais pratica do que as linhas que com tal nome por ahi pululam, onde as balas só furam papelão ou madeira. Carne e osso é o verdadeiro alvo, — o mais é brincadeira para criança.

Mas, symptomas inquietadores, rumores precursores de novas e grandes cousas já se manifestam por toda parte. O escravo começa a ousar encarar o senhor face a face e, amanhã, saberá o que tem a fazer para conquistar pelas proprias mãos a sua completa liberdade.

Para tal, porém, é indispensavel, impõe-se mesmo, desthronar todos os deuses e fetiches, visiveis e invisiveis, porque, existindo deuses e senhores, haverá sempre escravos e adoradores.

Adrecal.

Um bom premio da "Lanterna"

Tambem a LANTERNA *vai distribuir um bom premio aos seus assignantes.*

A começar desta data e até fevereiro proximo vindouro, todos os assignantes que nos mandarem pagar, directamente á nossa redacção ou por meio de vale postal ou carta registada, a importancia de uma assignatura annual do nosso jornal, receberão um premio pela volta do Correio. Este premio poderá ser escolhido dentre as seguintes collecções de livros e folhetos:

"Breviario" livro de versos lyricos de Raymundo Reis, a sair neste mez . 2$000

—

"Jesus Christo nunca existiu", de Emilio Bossi (Milesbo) 800
O "Evangelho da Hora", de Paulo Bertheloth . . 200
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho 200
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . . 200
"Noções de Sociologia", de José Lopes Montenegro 100
1$500

—

"Electra", drama em 5 actos, de B. Perés Galdos, 1$000
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . . 200
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho 200
"Noções de Sociologia", de José Lopez Montenegro 100
1$500

—

"Angelo Longaretti", o il delito sociale (romanzo di una Donna), cuja importancia distina-se á Escola Moderna . . . . 1$500

—

"Poema Transcendente", do professor Saturnino Barbosa, vendido em beneficio da Escola Moderna 1$000
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho 200
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . . 200
"Noções de Sociologia", de José Lopes Montenegro 100
1$500

—

Uma collecção de folhetos em hespanhol da lista da Bibliotheca dos Apostolado de la Verdad, annunciado em outro lugar . 1$600

—

Uma collecção dos folhetos em francez annunciados na lista da nossa bibliotheca, na importancia de 1$500

—

Um retrato de José Nakens, director de *El Motin* . 1$500

Como os nossos assignantes vêem, os premios que offerecemos attingem á importancia de 1$500 e alguns a mais, que, com o porte e o registo do Correio, chega a 2$000.

O NOSSO NUMERO ESPECIAL

Desse numero ainda dispomos de alguns pacotes, que pomos á disposição dos amigos. E' um numero que não perde a sua actualidade e serve para a distribuição em reuniões, procissões e á porta das igrejas.

Os preços de pacotes são os mesmos, isto é, os seguintes:

1 pacote de 20 exemplares 1$000
1 » » 30 » 1$500
1 » » 50 » 2$500

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias, sem o que não poderão ser attendidos.

A IGREJA E A SCIENCIA

VII

Mas não são só as sciencias exactas as que militam contra a existencia dum Deus forjado á imagem e semelhança do homem; a razão, por sua parte, tambem depõe solennemente contra a existencia desse Deus illogico, irascivel, cruel e contradictorio (1)

Entre as muitas interrogações que a Deus poderiamos fazer, figuram as seguintes:

Senhor, onde estavas tu antes de fazer o mundo? Que fazias tu antes de crear esse mesmo mundo? De que creaste o mundo? Antes de crear a luz estavas tu ás escuras? Se tu és immutavel, que causa ou motivo te determinou a crear o mundo? Se tu és infinitamente sabio, como ignoravas que o mundo se ia a corromper e que te verias obrigado a destruil-o? Se és infinitamente poderoso, como permittes que o Diabo exista? (2) Se és infinitamente bom, para que e com que fins creaste os animaes venenosos: cobras, serpentes e maribondos; e permittiste que no coração de homens germinasse a maldade? (3)

Estas e outras muitas interrogações com que poderiamos facil e sériamente embaraçar a perspicacia dos theologos são, aos olhos da Igreja, outras tantas impiedades merecedoras do fogo. Entretanto, perguntar, saber e investigar são direitos que nos assistem e que, por isso mesmo a razão reclama. Ora, se nós investigamos as causas de Deus é com o nobre fim de sabermos ao certo se realmente existe. Nada negamos ou affirmamos sem provas ou argumentos. Muita gente, infelizmente ainda pouco adiantada, fica bastante indignada quando qualquer incréo faz uma supposta offensa a Deus, tratando de Satanaz ou anti-christo a quem a sua existencia nega (4). Mas preciso é notar e forçoso confessar que defender a Deus dos ataques dos atheus, é dar uma prova evidente de que elle é muito fraco. Assim, Deus, para ser forte, omnipotente mesmo, não ha de ter necessidade de defensores; não ha de temer o julgamento da critica, os ataques da razão nem as demonstrações da sciencia: ha de sahir victorioso, triumphante de tudo e todos (5).

***

Contrariamente á Igreja, a sciencia nunca teve necessidade da força ou da fogueira para impôr as suas deducções e fazer-se acreditar. As dissidencias entre os sabios, se por acaso as houve, nunca ultrapassaram os limites da pacifica discussão, não havendo *um só* exemplo na historia humana que autorize a suppor que um sabio haja queimado outro por este não ter acceitado as theorias daquelle.

Os materialistas, por exemplo, tão vituperados pelos *piedosos* e ferocissimos filhos de Deus, nunca, que nós saibamos, se reuniram em conciliabulos onde premeditadamente condemnassem á morte mais infamante qualquer *hereje* scientista. Ao passo que entre os filhos de Deus, que todos se dizem ou julgam inspirados, *jámais* reinou a paz. — «A inquisição — observa alguem (6) — não foi fundada em nome de Buddha, Confucio ou Mahomed: — foi em nome de Christo, aquelle que disse a Pedro: «Mette a espada na bainha.» O christianismo e a Igreja converteram a uma parte dos christãos em assassina da outra parte. A paz, como dissemos, jámais reinou entre os christãos (7); e se elles não tinham paz como podiam dal-a aos outros?

Os christãos, não contentes com perseguir-se, assassinar-se e roubar-se uns aos outros, ainda fizeram muitas piratas incursões aos outros paizes, cujos habitantes, depois de matar, roubavam; além do que, eram desordeiros, turbulentos, arrogantes, vaidosos, rebeldes, calumniadores, intrigantes e sobretudo intolerantes e ameaçadores, mesmo que se achassem submettidos ao dominio de turcos, mahometanos ou arabes (8).

Assim, pois, não ha perversidade que elles não commettessem: desde a perseguição ao encarceramento; desde o encarceramento á tortura; desde a tortura á forca ou á fogueira; desde a fogueira ou patibulo á calumnia ou maldição (9) lançada sobre a memoria daquelle que morria queimado; e quando qualquer relapso fallecia impenitente fóra do alcance da Igreja, mesmo depois de decorridos muitos annos, esta profanava-lhe a sepultura, desenterrava-lhe o cadaver e na crepitante fogueira reduzia-lhe os ossos a cinzas, que depois lançava ao mar, ao rio, ou aos ventos (10).

Quantos milhares de infelizes morreram nos carceres, nas fogueiras e nas longas e terriveis perseguições promovidas por catholicos e protestantes durante 15 seculos? E' difficil determinal-o. Mas segundo D'Holbach (11), esse numero eleva-se á espantosa cifra de... «9,468,800 homens, mulheres e crianças degollados, trucidados, afogados, queimados e enforcados... pelo amor de Deus.»

Outros escriptores, porém, affirmam que esse numero está muito a quem da verdade, não faltando quem diga que nas perseguições e matanças ordenadas pelos papas e proceres protestantes pereceram de diversos modos mais de 50 milhões de creaturas humanas! (12)

Seja como fôr, o certo é que a Igreja, de qualquer denominação que fosse, sempre foi a inimiga jurada do genero humano; ella nunca perdoou, não perdoa nem perdoará áquelle que lhe descobrir as manhas; sua politica é o que ha de mais tenebroso; suas tendencias são o dominio absoluto sobre a annullação da sua intelligencia; sua theologia ou sciencia das coisas divinas, é o que ha de mais contradictorio, absurdo e insustentavel; e os seus ritos e moral pratica é o que existe de mais ridiculo, embrutecedor e indecente (13).

José Martins.

(Continúa).

(1) Acerca das calinadas, iras, crueldades e contradicções de Deus, vejam-se os 5 primeiros livros da Biblia («Pentateuco»): Genesis, Exodo, Levitico, Numeros e Deuteronomio. Confrontem-se os capts. V e XIII do «Deut.,» onde, no primeiro (v. 17), Deus prohibe matar, emquanto que no segundo (v. 15), o mesmo Deus ordena morticinios.

(2) «Vem a ponto saber si Satanaz é inimigo de Deus ou simplesmente seu servo.

No primeiro caso, singularmente cerceado se acha o poder divino, porque ninguem conservaria um inimigo tão poderoso podendo destruil-o. Se, ao envez de ser inimigo, Satanaz é servo de Deus, de que o podemos increpar? Só Deus é responsavel pelo que lhe permitte ou ordena que faça, E se nos cingirmos ás escripturas, é este o papel que parece lhe caber.» (A. J. da Silva, trad., «O Diabo e a Igreja», p. 39).

(3) «Ou Deus quer anniquilar o mal e não póde, ou póde e não quer, ou não quer nem póde, ou, emfim, quer e póde. Se quer anniquilar o mal e não póde, é impotente; se póde e não quer, é malvado; e se não quer nem póde, é, ao mesmo tempo, malvado e impotente.» (P. Béraud, «La existencia de Dios, su pró y su contra», p. 202).

Ora, srs. theologos, descalcem-me essas botas, que tenho os pés «algum tanto» doidos...

(4) Certa vez, em deliciosa palestra, contou-nos uma nossa correligionaria — a senhorita Josepha Dias, dilecta filha do nosso estimado camarada F. Dias Carmonaque: Um domingo de tarde, ao terminar o culto na «Igreja Evangelica Fluminense de Nictheroy», (E. do Rio), um individuo, provavelmente atheu, postou-se á porta da dita Igreja, e á medida que os fieis iam sahindo, ia-lhes soprando aos ouvidos estas terrorificas palavras, ora em tom grave, ora em agudo: «Não ha Deus! não ha Deus!»; ao que, no mesmo tom, os crentes respondiam: «Retira te, Satanaz! retira-te, Satanaz!» A relação deste episodio de fanatismo huguenote, contado pela nossa sympathica interlocutora com a graça que lhe é peculiar, proporcionou-nos meia hora de formidaveis gargalhadas.

(5) Na idade media os bispos, para converterem os barbaros ao christianismo e fazerem-lhe vêr o pouco ou nenhum valor da sua religião, quebravam, á vista delles mesmos, os seus deuses ou idolos, e accrescentavam que estes tinham tão pouco poder que nem defender-se podiam contra os ataques dos ministros do «verdadeiro» Deus, os quaes esfrangalhavam-nos impunemente sem que nada lhes acontecesse. Os mesmos argumentos praticos se podem hoje applicar aos deuses e fetiches dos orgulhosos successores daquelles orgulhosos bispos. Nós, hoje, se tanto fosse preciso, penetrariamos numa qualquer igreja catholica, quebrariamos os S. Benedictos, os S. Antonios e as diversas N. N. S. S.ª, e estamos certos, certissimos, de que nada nos succederia, porque os santos de hoje, e os de sempre, não tem mais poder para defender-se do que o que possuiam os estupidos fetiches dos grosseiros povos da Germania.

(6) Um padre, nada menos: Guilherme Dias, «Echos de Roma.»

(7) Porque o Christo lhes tinha dito: — «Não julgueis que vim trazer-vos paz, mas sim a espada.»

(8) Conta A. Herculano («Hist. de Portug.» t. III), que durante o dominio arabe em Hespanha, a intolerancia dos padres catholicos e o cégo fanatismo de muitos christãos provocaram as justas represalias dos tribunaes musulmanos, cujos juizes, mesmo nos tribunaes, viam-se insultados pelas turbas catholicas, as quaes tambem iam ás mesquitas a vomitar injurias sobre os sacerdotes do Profeta. E os arabes eram os senhores do paiz... Imaginem o que teria sido se os catholicos houvessem sido os senhores da situação. (V. tambem Cantú, «Hist. Univ., t. VII, pgs. 443-4, *nota).*

(9) Eis, por exemplo, o quadro que puzeram a Joanna d'Arc, em frente ao patibulo onde ia ser queimada: — «Mentirosa, perniciosa, enganadora do povo, advinha, supersticiosa, blasphema de Deus, presumpçosa, mal crente na fé de Jesus Christo, jactanciosa, idolatra, cruel, dissoluta, invocadora de demonios, apostata, scismatica e herectica.» (A. Esquiros, «Hist. dos Marty. da Liberda.», trad. de A. Gallo, t. II, p. 164).

(10) «As cinzas de Joanna foram deitadas ao vento.» (Esquiros, *obr.* tom. e p. cit.).

(11) Na «Hist. das Religi.» por S. Reinach, t. VI da «Biblioth. de Educa. Moder.», ou no «El nuevo Dios», do mesmo D. Holbach, t. XII da «Biblioth. Roja;» Barcelona, 1909.

(12) Quem diz isto é Guine-s, citado nos «Succes. Predit. da Hist. Univ.», p. 58; public. da Socied. Interna. de Prata. no Brasil; S. Paulo 1909.

(13) Alguem disse que «a unica loucura que aos christãos faltava esgotar era a de comerem o seu Deus. Ora, tal loucura está já ha muito esgotada, visto que, depois da confissão, elles papam o seu Deus em forma duma rodelinha branca: a hostia. Quanto ás indecencias clericaes, não precisamos abrir os grossos volumes dos Cantú ou dos Lachâtre: basta-nos sómente folhear um pequeno opusculo ultimamente publicado na Hespanha pela «Bibliotheca del Apostolado de la Verdad: La Lujuria del Clero segun los Concilios;» Madrid.

VOZES DO NADA

. . . .

Não tiraste do Nada o mundo, não tiraste
Da treva tantos sóes que os regatos consomem?
Para haver a mulher, ironico contraste,
Foi preciso tira-la á costella de um homem...

Anda a luta feroz por todo o globo esparsa,
Por tudo superpondo abysmo sobre abysmo;
A verdade é mentira, a justiça uma farça,
A razão tem a boca atacada de trismo...

. . . .

Milhares de milhões de Espiritos na terra
Lançaste para os vêr em desespero e intrigas;
E's o infante feliz vendo subir a uma serra
Milhares de milhões de pequenas formigas.

Jonas da Silva.

PAGINA DE HISTORIA

Martinho V, eleito papa em 1417, promettera antes da eleição trabalhar na reforma da Igreja no chefe e seus membros. Em vez disso, escreveu ao imperador de Allemanha Segismundo e ao rei da Polonia Ladislau, para os instigar a exterminar os *Hussitas*, discipulos de João Huss e de Wiclef, que atacavam a opulencia dos monges e a corrupção da côrte papal. Eis a carta que elle endereçou ao rei:

«As grandes acções que tendes executado depois do vosso baptismo, senhor, e o zêlo que tendes mostrado por nossa santa religião impondo as vossas crenças ás nações idólatras, dão-nos a esperança de que persistireis na mesma via e reconduzireis ao aprisco da Igreja os christãos da Bohemia, que o abominavel hereje João Huss arrastou para o scisma. Pensai que o interesse da Santa Sé e o da vossa coroa vos impõem o dever de exterminar os hussitas. Lembrai-vos de que esses impios ousam proclamar principios de igualdade; sustentam que todos os christãos são irmãos e que Deus não deu a homens privilegiados o direito de mandar nos povos; pretendem que Christo veio á terra para abolir a escravidão; convidam os povos á liberdade, isto é, ao aniquilamento dos reis e dos padres. Emquanto é tempo ainda, voltai as vossas forças contra a Bohemia; queimai, trucidai, fazei por toda a parte desertos, porque nada poderá ser mais agradavel a Deus e mais util á causa dos reis do que o exterminio dos hussitas.»

Deus, que é todo-poderoso, poderia muito bem dispensar a intervenção dos exercitos reaes e imperiaes...

EM PORTUGAL

A questão do clero

Os principes da Igreja prégam a desobediencia ao governo — O baixo clero retrahe-se — Psychologia do padre portuguez — O seminario e a politica — O culto de Deus e o culto do ministro.

O patriarcha de Lisboa, d. Antonio Mendes Bello, que conservára um grande mutismo ante a lei de separação da Igreja do Estado, acaba de fazer um gesto que, em vez de ter a mansidão de uma bençam episcopal, antes, figura um mandato, um incitamento á rebellião.

O alto clero manifesta-se. Roma premiará o patriarcha com a purpura e acolherá todos os prelados rebeldes,

Já o bispo de Beja, celebrizado pelas suas homosexualidades, anda por terras da congrua, no convento de Bomjardim, d. Antonio Barrozo, bispo do Porto, expia na oração a sua rebeldia; o velho bispo conde de Coimbra, octogenario, tambem, num retiro, faz esquecer a sua revolta e a sua transigencia.

O arcebispo da Guarda, discipulo dos jesuitas, esse, com uma energia de ferro, mettido numa aldeia da diocese, visto o ministro da justiça apenas o ter expulso do districto, fala em excommunhão para todo o padre que aceitar as associações cultuaes, isto é, as collectividades que, nas freguezias, se encarregarão, extra-religiosamente, da manutenção do culto.

Está aqui o conflicto com os seus dois campeões: o patriarcha de Lisboa e o arcebispo da Guarda.

Resta ver o que faz o clero, mettido no seguinte dilemma: ou obedecer o governo e ficar excommungado, ou resistir-lhe e não ter onde dizer a sua missa, onde exercer o seu mistér.

E', na verdade, uma situação singular, sobretudo desde que analysemos detalhadamente o espirito da maioria dos sacerdotes nacionaes.

*

O padre, em Portugal, não é, na acepção da palavra, um homem de sacrificios. Falta lhe a crença bem espiritual, como alguma coisa de profundamente arraigado emquanto á religião.

Não é um fanatico, nem é um descrente.

O fanatismo envolve uma exacerbação e o padre nacional é pacifico; a descrença, não a alardeia, não por temor dos infernos, dos castigos, mas de perder o pão. No fundo, não deixa de rir de certos preconceitos religiosos. Não é quasi nunca uma dessas sentidas vocações, um arrebatamento, um anceio que o leva para o seminario, não é o dedo divino que o toca para a profissão, é sempre a necessidade das familias em collocar um rapaz, dar-lhe uma educação e um mistér.

Nos campos, o cavador, que amanha uma geiras, combina com a mulher fazer um sacrificio e dar o filho ao altar; não havia lavradorzeco que não sonhasse ver o seu rebento abbade, passando, na manhã da missa nova, por entre os sorrisos das moças e por entre as cabeças descobertas dos rapazes da sua criação.

Então, em vez de pôr o rapazelho á soga dos bois, punha-o no seminario.

Na cidade, era quasi sempre a influencia de uma familia devota que agia, fidalgas beatas ou gente de têres, com relações na Igreja, que, vendo um pequenito esperto, ladino, vivo, se offerecia para lhe dar o enxoval e fazer daquelle garotete um padre.

Elles eram tão ouvidos para esse acto, que resolvia da sua vida, como todos nós, para o baptismo.

Todas aquellas juventudes robustas se enlutavam nas batinas negras e, uma vez dentro do seminario, o habito da existencia normal fazia o resto. Resignavam-se.

Só raramente surgia uma vocação, um joven louco por sacrificios, que pensasse em internar-se pelos sertões, de cruz alçada e com a palavra de Deus nos labios, a expor-se pela sua fé.

As suas cores perdidas pelos jejuns, pelas perdas da idade do crescimento, as suas forças falhando, espartilhadas no convencionalismo da lei religiosa, atguns, num accesso febril de curta duração, podiam imaginar-se predestinados; mas logo, nas primeiras ferias, no contacto do seculo, a illusão se ia com as primeiras goladas de bom vinho, bebido na liberdade.

A alma romantica perecia naquelles onde ella um instante desabrochára; outros nunca tinham dado por mais nada do que pelo materialismo, no meio do qual, finalmente, deviam viver.

A religião não era nem o sacrificio, nem a espiritualidade; era a congrua, era o rendimento.

Deus lá no céo, bem sabia que o ministro da justiça e dos negocios ecclesiasticos era um grande superior na carreira clerical.

Então do sacerdote sahia o funccionario. A maioria do clero portuguez era isto.

*

Uns ambicionavam freguezias rendosas nas cidades, com devotas ricas, que se confessam num luxo de rendas caras, com freguezes que baptizassem os filhos, querendo o sacerdote de capa rica e sinos repicando, com influencias, empenhos, dominio.

Para isso, havia um caminho: a politica. Bastava ao padre alacaiar um conselheiro.

Tendo vindo da Universidade, formado em theologia e, por via de regra, mais descrente do que os ignorantes do seminario, então tinha certa esta face de vida.

Faziam-se destes os conegos e os bispos. Mas os outros, a grande maioria, não tinha esses desejos de figurar. Acabado o curso, dita a missa nova, tratava de arranjar uma parochia provinciana, proxima da sua terra, onde se installava.

Começava a ser o conductor daquella aldeia. Se adregava lá ficar fazia-se proprietario; ligava-se cada vez mais aos bens terrestres, e Deus só tinha que ver com elle á hora da missa, quando fazia o seu mistér. Fóra disso, era o aldeão. Ia para a horta, de tamancos, fazer a rega e sachar as alfaces; criava o seu cevado, lavrava o seu vinho e tinha mais uma linguagem de mercador de feira do que de um intermediario entre o céo e os peccadores.

O latim servia-lhe para as difficuldades, para quando falava com alguem que julgava mais intelligente do que a maiorio dos seus freguezes.

De espingarda ao hombro, o padre era caçador e fragoeiro, como os melhores; na sua horta era finorio e sabedor da cultura como os mais sabidos; de copo na mão, o padre não desdenhava bater-se com os bebedores.

Que era elle, no fim, sinão o aldeão com mais um pouco de instrucção, roubado á terra, por uns annos, para á terra voltar?

Differia dos outros em não ir ás sortes e em não casar. Mas, em compensação, a troco de votos — porque o padre era sempre agente eleiçoeiro — salvava os rapazes das correias e amancebava-se. A ama não era mais do que a sua mulher de connubio, á qual beijava sem remorso e sem terror do céo.

Por vezes, aquillo era até um amor da infancia, quando ambos se rebolavam nas medas da aldeia. Ella sonhava com elle, e o padre um dia levava-a comsigo.

Havia e ha, assim, de lés a lés de Portugal, familias de padres com filhos no seu lar. Morria a hypocrisia, ensinada e mantida diante daquelle aconchego do lar, daquella alegria da paternidade.

Como se vê, na alma destes padres estavam quebrados todos os preconceitos religiosos.

Algum, mais fanatico, era-o por superstição; algum, mais severo, era-o por espirito de dominio; algum, mais ousado e fero, era o porque delle se appossára uma ordem religiosa.

Os que partiram para as hostes monarchicas eram desta laia: abbades minhotos, affeitos a conduzir os povos com a palavra «inferno», no qual acreditavam tanto como no céo; padres serranos, que conduziam mais os corpos do que as almas, filiados de associações religiosas, dispersos pelo paiz e obedecendo a uma ordem.

Em todo o caso, viu-se que este clero não vibrou homogeneo, que não soou fortemente a voz do seu espirito de casta.

Não podia succeder isso, porque, como se demonstra, o sacerdote era um accommodaticio funccionario, na sua maioria, respeitando a lei religiosa, na apparencia religioso, porque disto tirava o pão. Amanuense do cartorio dos cultos, em missão de nos pôr de bem com o céo.

O clero era isto, em synthese: a ancia de uma freguezia rendosa, num coefficiente de influencia.

O demonio não vinha, como nos velhos tempos, tentar a sua virtude, porque aquillo era um officio, emquanto se estava na igreja, e mais nada, falar á sua concupiscencia, porque os ardores da mocidade se calavam no contacto da sua mulher eleita, despertar a sua consciencia, porque, á saida do seminario, o padre já sabia o que ia ser; aprendera, com o latim e com a Historia Sagrada, a chupar o seu cigarro, muitos a dedilharem fados.

O parochiano gostava delles assim. Viviam na mesma cumplicidade, a não ser em alguns pontos, de mais crença, onde o padre era o unico a enganar.

*

Já se vê que não era de semelhante clero que se podia esperar a explosão romantica dos padres francezes diante da lei da

separação, o gesto de renegar a pensão offerecida pelo governo e ir enveredar noutros mistéres, para, nas madrugadas, levando comsigo os habitos talares, entrarem nas igrejas, dizerem contrictos a sua missa, como nos tempos primitivos, quasi a occultas, ao numero de fieis que apparecia, contricto e cheio de devoção.

Quando aquellas mãos se erguiam para as abobadas dos templos, um fremito passava. E' que o clero francez teve uma isenção menos em harmonia com os seus interesses, mas mais consentanea com a sua fé.

Os padres foram empregados de escriptorio, cocheiros de fiacre, caixeiros, até taverneiros, e todas as manhãs lá iam, lavados do peccado e de mal com o governo, exercer o seu mistér.

Não se quer dizer que o houvesse nestes mais fé; havia pelo menos mais espirito religioso.

Diante da separação, a revolta assim mantida em França; entre nós, apenas o protesto dos que vão conspirar e uma minoria que não acceita a pensão. O resto, na sua summula, subordina-se. Fizeram do padre o funccionario, e elle assim quer continuar.

Que lhe importa o seu bispo? o seu patriarcha, Roma, a excommunhão?

Pois, se, do fundo da sua alma, elle sabia bem que tudo isso era fementido; conhecia a vida dos seus chefes e respeitava-os como os soldados aos officiaes; de Roma sabia os escandalos, e como para lá se corretam dinheiro e a excommunhão, bem lhe podiam dizer o contrario, fazia muito menor mal do que duas bordoadas com um marmelleiro.

Obedecendo aos seus chefes, era a aventura; ligando-se ao governo, era a tranquillidade, a vida garantida, a mesma coisa de sempre, a propriedadezita, adquerida ou herdada, que podia ir cavar de cigarro na bocca; as vaccas leiteiras para ir vender á feira; a ama para acariciar nas amarguras e lhe tratar dos leicenços.

O simples padre, educado para o funccionalismo religioso, amanuense da Igreja, procede assim, não num cantico de libertação, porque, no fundo, apenas tem a menos, a manda-lo, um bispo, mas porque a sua vida foi sempre mais material do que espiritual. Calou sempre mais no seu animo, a rodela de uma libra que a de uma hostia.

Os principes da Igreja, esses, tendo garantias de Roma, pensam o contrario, pois sabem que jamais lhes faltará o necessario para viver e que não é bem um naco de broa, uma caneca de vinho, uma cama de lã e dois pés de couve, num hortejo, junto a um regato limpido.

Elles defendem o poder espiritual, que lhes dava o poder material, as regalias, as cadeiras nas Camaras dos Pares, as continencias das tropas, qne pagavam em bençãos, a influencia politica, que tudo isso lhes dava, o dominio da sua igreja e das suas pessoas.

Com as suas pastoraes indignadas, com as suas ameaças de excommunhão, arrastam apenas alguns padres, porque a maioria aquieta-se, como uma classe que se paga para coisa alguma fazer.

No fundo, o povo catholico seguir-lhes-á o exemplo; a fé religiosa expirará, porque ninguem, dentro em pouco, dado este estado dos sacerdotes, a poderá alimentar.

Julgarão, porém, que a maioria do paiz leva isso a mal?! Não. E' que o padre já não era o homem que fazia terror ao aldeão com as penas do inferno; era o individuo a quem se dava um leitão e um voto, e lhe salvava o filho de soldado, menos o intermediario entre elles e as regiões ethereas do que entre elles e as regiões politicas, menos o seu interprete para com Deus e a côrte do céo do que para com os ministros e a côrte do Terreiro do Poço.

Rocha Martins.

(Da Academia de Sciencias de Portugal).

(D'*A Imprensa*).

Aos assignantes da Lapa

O nosso companheiro E. Reinoso vai proceder á cobrança dos assignantes da Lapa.

Pedimos aos nossos amigos dali que lhe facilitem o seu trabalho, deixando em casa a importancia de suas assignaturas, caso não possam ser encontrados.

A "Lanterna" em Santa Catharina

Nos medonhos e escuros antros da jesuitada devassa reina a discordia e o terror infundido pela luz benefica espargida por um pequeno jornal *O Clarão*, que apenas conta 6 mezes, mas que nessa tenra idade já derrama a luz emanada da mais pura verdade.

Devido ao apparecimento desta folha bemfazeja, que veio tornar patente ao publico as mazellas occultas pelos habitos fradescos e as negras sotainas, tem diminuido de modo sensivel a frequencia ás igrejas da beatada fanatizada, que cégamente ajoelhava-se ao pé do confessionario e decaido as taes *santas doutrinas* explicadas nas sacristias, de portas fechadas, sómente para mocinhas e em completo isolamento; de accordo com as suas prohibições de assistirem a esta *santa* cerimonia os paes, mães ou irmãos da penitente!...

Assim caminhavam os frades tranquillos e livres por não serem surprehendidos por qualquer claridade que transpozesse as frestas das suas portas cuidadosamente fechadas; e, quando menos esperavam, são attingidos pelos reflexos impertinentes do *Clarão*, que sacrilegamente infiltra-se pelas sacras casas e os vai encontrar piedosamente administrando os *sacramentos* da *virtude* e da *castidade*!...

Para combater a maldita luz que veiu illuminar o meu torrão natal, fez-se ouvir a vóz do Capitão-General, o bispo allemão, o commandante em chefe que, seraphicamente num gymnasio jesuitico cá da terra assim se expressou no discurso que leu: «Abrir escolas é abrir cadeias.» (Vide *O Dia*, jornal official, catholico, apostolico romano, de 16 de dezembro, de 1911).

Após a vóz do commandante em chefe, elle mesmo, o bispo allemão, teve uma longa conferencia com o governador, dizendo-se ou por outra, correndo por ahi o boato que nessa conferencia tratava-se de impôr ao governador providenciasse para o amordaçamento do *Clarão*, que estava prejudicando a Santa Madre (ou quem sabe se era ao burro?...) pois caso contrario vêr-se-ia na contingencia de abandonar a diocese!

Que ventos favoraveis o levem, acompanhado do seu *santo burro*, são os votos que faz o

Catharinense.

Lanterna Magica

O sangue de Christo

O *Freidenker*, de Milwankee, narra o seguinte facto verdadeiro:

Havia bastante tempo que se tocava para a missa e o parocho não vinha. Para ganhar tempo, o mestre-escola ordenou ao sacristão que tocasse mais um pouco.

Decorreram cinco, dez minutos, e nada. Por fim o professor, impacientado, vai ao presbyterio, procura, bate, chama, até que ouve, vinda da adega, a voz do padre. Julgando tratar-se de um desastre, precipita-se para lá e que vê? O parocho, já vestido para sair, afflicto diante de um barril de vinho, com o pollegar no buraco do batoque.

— Que está ahi fazendo, reverendo?

— Imagine o que me succede, sr. professor! Desci para pôr a torneira neste barril, abri-o empurrando o botoque para dentro e só então é que vi que deixei a torneira lá em cima!

E por isso os fieis esperavam... Pobre padre! estava a impedir que fosse mais uma vez derramado o precioso sangue de Christo...

Padre falso ou verdadeiro?

Eis um sensacional telegramma de Roma, que os diarios de 17 nos transmittiram:

Os jornaes de hoje se occupam largamente da prisão do falso padre effectuada pelas autoridades policiaes.

Alguns desses jornaes contam que o preso, cujo nome verdadeiro ainda ninguem sabe, é um individuo de porte elegantissimo e maneiras distinctas, denunciando uma origem aristocratica. Fala cinco linguas e mostra ser muito viajado.

Na policia o preso conservou sempre, desde o dia da prisão, um sangue frio admiravel.

Conversa calmamente com os seus guardas, interessa-se pela sua situação e pede-lhes que lhe contem coisas da sua vida.

Ainda hoje, depois do interrogatorio a que foi submettido, felicitou a policia de Roma por ter conseguido descobri-lo.

Muitas policias, de varias cidades da Europa, tentaram deitar-lhe a mão, mas foram sempre burladas.

Em Paris, contou elle, foi processado por ter extorquido grandes sommas, por processos só delle conhecidos, a varias pessoas, entre as quaes alguns capitalistas.

No dia do julgamento foi brilhantemente defendido por um habilissimo advogado, que lhe havia offerecido os seus serviços gratuitamente.

Foi absolvido, e o seu defensor recebeu felicitações calorosas do proprio representante do ministerio publico.

Tambem elle foi muito cumprimentado.

Nunca roubou quantias inferiores a mil liras.

Não poupava ninguem: roubava os padres ricos, os nobres, os mosteiros, os capitalistas, as viuvas ricas, mas dividia sempre uma parte do producto desses roubos com os sacerdotes pobres.

Vivia com muito luxo, tinha muitas joias e algumas de grande valor.

Tinha, porém, o orgulho em proclamar bem alto que nunca se serviu de meios violentos para conseguir o seu intento.

Em poder do preso foram encontradas photographias de muitos prelados italianos e extrangeiros, cartas assignadas por cardeaes, um grupo photographico em que se vê o preso ao lado do papa, e documentos authenticos de varios episcopados.

Por algumas cartas e outros papeis que lhe foram apprehendidos, vê-se que mudava constantemente de nome. Umas vezes chamava-se Sevigete, outras marquez de St.-Mare, principe Di Belo Onte e ainda marquez de Villamoir.

Padre falso ou *verdadeiro*? Eis um problema. Se o homem mantinha relações com cardeaes e com varios prelados; se se photographava galhardamente ao lado do papa, estava officialmente reconhecido como espoliador e a policia foi portanto injusta trancafiando-o. Ou então prendesse tambem as dezenas de milhares de *collegas* do patife, que por toda a parte andam, sob as vistas complacentes de todas as policias...

Na Inglaterra

O novo chefe do partido conservador inglez, Bonar Law, no seu primeiro discurso de chefe teve esta phrase:

«Os visitantes de Hyde Park, no domingo, acham ali sempre oradores defendendo todas as especies de causas; mas vê-se sempre que a multidão mais compacta se comprime para ouvir o conferencista que declara não existir Deus».

E' claro que o chefe conservador lamenta o facto, mas reconhece-o, e é bastante. O remedio que elle propõe é que é curioso: a conservação da Igreja official e das suas prerogativas financeiras!

Em compensação, o congresso das uniões operarias de officio approvou por enorme maioria uma moção reclamondo que nas escolas publicas nenhuma religião seja ensinada. E' a primeira vez que os operarios inglezes organizados se occupam de tal questão.

Mas voltemos ao reverso da medalha. Em Leeds, dois blasphemadores foram condemnados um a trez, outro a quatro mezes de prisão. O primeiro, o medico William Stewart, praticou publicamente o horrendo crime de expor as suas duvidas sobre a veracidade da Biblia. O segundo, William Bopp, foi punido pela sua brochura *Perguntas aos padres*. Ambos foram denunciados por policias. De vez em quando, na Inglaterra, apesar da sua fama de «livre», os juizes beatos desenterram uma velha lei que pune a blasphemia.

Pelas publicações

Los misterios de la India, por Emilio Salgari. (Colección «Viages y Aventuras»).

A Casa Editora Maucci de Barcelona que tanto tem contribuido, com seus livros, para a cultura popular, escolheu para sua publicação as obras do insigne escriptor italiano Emilio Salgari, cuja morte tragica occorrida recentemente os nossos leitores recordam ainda.

As obras deste autor tanto ou mais conhecido na Italia que Julio Verne, são recommendaveis á toda classe de pessoas que encontrarão nellas a instrucção que prepara o conhecimento dos usos, costumes, caracteres, finalmente tudo quanto possa interessar a respeito aos demais povos civilizados ou selvagens.

Poucos novelistas podem comparar-se com Salgari na ingenhosa maneira para variar e dramatizar os assumptos e para dar aos seus personagens todo o interesse e a realidade de um episodio.

As obras de Salgari publicam-se semanalmente em cadernos de 32 paginas de texto e uma ou duas gravuras soltas, dos melhores artistas, ao preço de 20 centimos.

O primeiro caderno e bem assim os seguintes que temos recebido sobre *Los misterios de la India*, é deveras interessante e suggestivo.

Novo postal

Um companheiro mandou vir e entregou-nos para serem vendidos em beneficio da Escola Moderna, algumas dezenas do bello postal *Montjuich*, reproducção do extraordinario quadro de Firmin Sagristá — *Ultima visão*.

Está á venda em nossa redacção, a 100 réis.

O engano do vigario

O bispo Cugôrdo, excellente creatura, andava em excursão de chrisma pelas parochias ruraes da sua diocese. Chegado a uma pequena localidade, o mitrado mandou parar o carro diante da residencia parochial, e logo o amavel vigario Vivaeu correu ao seu encontro, obsequioso e sorridente.

Abriram-se algumas garrafas de bom Porto e, entre dois calices — caseiros, não da missa, — ficou combinado que o prelado ali jantaria e passaria a noite, dormindo o cocheiro e os cavallos em casa do vendeiro vizinho. Alojamento melhor não o tinha a povoação.

O succulento e appetitoso jantar, servido pela rubicunda Maricota, criada do vigario, não menos succulenta e appetitosa, agradou summamente ao mitrado, que não cessava de apreciar tambem — com a vista — a habil preparadora dos manjares.

Após o aromatico café e em quanto saboreava um rico havano, o principe da Igreja chegou mesmo a affirmar ao seu feliz subordinado:

— Os meus parabens!... Deu-lhe Deus uma criada de primeira ordem... e que faz deliciosos jantares! Este foi o melhor jantar da minha vida!

O vigario agradeceu enternecido em seu nome e no da criada, e a palestra prolongou-se alegre e maliciosa até alta noite.

— A cama está prompta, sr. vigario! — veio por fim annunciar a Maricota.

E então o vigario, com certo acanhamento, communicou ao bispo que na casa não havia senão um leito. Largo era, muito commodo, sim senhor, mas só um...

— Ora adeus! exclamou alegremente e com despreoccupação o illustrissimo Cugôrdo. Dormiremos juntos! Não é a primeira vez que durmo acompanhado...

E lá foram os dois para o quarto, em quanto a criada, pouco satisfeita, ia dormir sobre o canapé da sala de visitas.

De manhã cedo, dormiam ainda os três profundamente, quando o cocheiro episcopal, que recebera ordem de vir acordar o amo muito cedo, se pôs a fazer soar a campainha. Em vão! Parecia tudo morto dentro da residencia, e o cocheiro, impacientado, puxava o cordel furiosamente.

O primeiro a acordar, sobresaltado, foi o vigario. Entontecido com o infernal barulho, ainda meio adormecido, o bom do pastor de almas, dando uma forte palmada nas... redondezas episcopaes, começou a gritar:

— Então, Maricota? Acorda, minha filha! Não ouves a campainha tocando furiosamente?

(Imitação).

Pequenos écos

A' imprensa do paiz — Ha cerca de 18 annos desappareceu desta cidade o meu filho Alvaro José de Faria Flores, sem que obtivesse até hoje nenhuma noticia sua. Querendo saber do que é delle, rogo á imprensa do paiz a bondade de publicar estas linhas, auxiliando-me desta maneira na procura do mesmo.

Peço igualmente a todas as pessoas que estas linhas virem, o favor de indagar pelo desapparecido, informando-me, no caso de o encontrar ou alguma noticia sobre o logar em que elle esteja.

Ao jornal que publicar este meu pedido, peço enviar-me um exemplar, agradecendo de antemão esse acto de benevola attenção.

Endereçar a Maria Floria Caldeiro Lopes, Diamantina, Minas Geraes.

Boas festas — Desejando-nos vida feliz no anno entrante, enviaram-nos os seus cartões de boas festas os seguintes amigos:

Sr. Cordeiro Antonio de Mello, de Livramento, R. G. do Sul; sr. Luiz P. de Borba e exma familia, de Santa Maria, R. G. do Sul; Sociedade Beneficente dos Alfaiates, de Bagé, R. G. do Sul.

Retribuindo as felicitações e os augurios de felicidades, a todos enviamos os nossos agradecimentos.

Em Rio Grande — A Sociedade União Operaria, de Rio Grande, R. G. do Sul, enviou-nos uma circular participando-nos a posse das suas commissões administrativas eleitas para o corrente anno.

Agradecemos a communicação, desejando-lhes franco successos na luta a cuja frente foram collocados.

"Renovacion" — E' este o titulo de uma magnifica revista de sociologia, arte, sciencia e pedagogia racionalista, que se publica em San José, na Republica de Costa Rica, e conta com um escolhido nucleo de collaboradores, entre os quaes se destaca o velho batalhador das ideias avançadas em Hespanha, Anselmo Lorenzo.

O seu n. 19-20, publicado em 13 de outubro, contem tresentas e tantas paginas, em grande parte dedicadas a Ferrer e á sua obra.

E' seu representante em S. Paulo o sr. Isaac J. Lopez, rua Rodrigues dos Santos, 36, S. Paulo.

Estatutos — O Grupo Espirita S. Luiz Gonzaga, de Jahú, teve a gentileza de nos enviar um exemplar de seus estatutos.

Agradecidos.

Visita — De volta do Rio, onde fôra a passeio, esteve em nossa redacção o nosso correligionario Coelho Cintra, professor publico em Brotas.

Agradecidos pela distincção.

DIVERSÕES

Theatro Colombo — Este theatro está novamente deliciando a sua sempre numerosa concorrencia com os espectaculo de cinematographia.

Escolhidos e interessantes programmas continuam a ser apresentados.

Na *matinée* de amanhã serão exhibidas boas fitas.

Theatro Casino — A empresa desta casa de diversões continúa proporcionando bellas noitadas aos seus habitués.

A semana passada foi abrilhantada com o excellente duetto que ali está trabalhando e outros numeros de attracção.

Todos os domingos ha *matinée* familiar, com distribuição de finos bombons ás creanças.

Cinema Congresso — Bellos films foram exhibidos na semana p. passada e estão annunciados muitos outros de successo para a semana entrante. A empresa Carlo Murano e Comp., proprietaria do *Congresso*, esmera-se sempre por bem servir aos numerosos *habitués* da sua casa de exhibições cinematographicas.

— Amanhã haverá *matinée* com escolhido programma.

Jockey Club — Amanhã, no prado da Moóca, realizar-se-á mais uma corrida, havendo bons premios aos vencedores.

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, *enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.*

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquelles que não devolverem o primeiro numero recebido.

Azeite para a "Lanterna"

Lista a cargo do sr. José Lousada, de Santos:

F. I. Reis, 10$. José Campos, 5$. Padre Faustino, 500 rs. Padre M. Ladeira, 500 rs. Padre Gastão de Moraes, 200 rs. José Maria Sá, 200 rs. Vicente, 2$000. Total, 18$400.

Sr. José Nicolau Pereira, do Rio, 5$000.

Aos assignantes da S. Paulo

O nosso companheiro E. Reinoso está procedendo á cobrança das assignaturas da Capital.

Chamando a attenção dos amigos de S. Paulo para as grandes difficuldades que offerece esse trabalho numa grande cidade pedimos-lhes que procurem poupar-lhe as viagens inuteis, deixando em casa a importancia de suas assignaturas os que não possam ser encontrados com facilidade.

A festa de sabbado

Apesar de organizada ás pressas, teve bastante concorrencia a festa realizada no sabbado passaco no Salão Germania.

O drama de Roberto Bracco, *Don Pedro Caruzo*, foi muito regularmente interpretrada.

Mas o successo da velada foi a comedia de Gigi Damiani, *La Repubblica*, cheia de mordaz ironia, de muito espirito e de proveitosa propaganda.

Após á kermesse, que deu um soffrivel resultado, dançou-se até á madrugada.

NOVO FOLHETO

A confissão

Acaba de sair do prelo, sob o titulo acima e contendo 16 paginas, o primeiro folheto da série que pretendemos editar.

E' um bom folheto para a propaganda no seio do povo.

Os amigos do interior devem adquiri-lo para fazerem delle uma larga distribuição entre os crentes. Pessoalmente ou em grupos poderão distribui-los por occasião de processões e á porta das igrejas.

Custa 4$000 o cento e 100 avulso. Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Vida operaria

EM S. PAULO

Os empregados no commercio — A numerosa classe dos empregados no commercio está em franca agitação para a garantia do cumprimento da lei do fechamento das portas ás 7 horas da noite, que tem encontrando resistencia entre os commerciantes.

Para tratar dessa questão, os caixeiros já se reuniram por duas vezes, manifestando todos o seu firme proposito de fazer valer os seus direitos, não consentindo que se modifique o horario conseguido depois de tanto esforço.

Os barbeiros — Os barbeiros e cabelleireiros já se reuniram por duas vezes para tratar da agitação em favor do fechamento dos salões ás 7 horas da noite.

Reina grande enthusiasmo na classe.

NO RIO

Na capital da Republica está em plena agitação a classe trabalhadora.

Numerosas classes puzeram-se em movimento para a conquista de augmento de salario, diminuição das horas de trabalho e regulamentação do serviço, etc.

Quasi todos os syndicatos operarios já se reorganizaram, tendo tambem voltado a actividade a antiga Federação Operaria.

EM HESPANHA

A REVOLTA DE CULLERA

Uma vista retrospectiva sobre os acontecimentos

A proposito do julgamento de vinte e dois homens accusados de tomarem uma parte activa nos acontecimentos que se desenrolaram em Cullera no dia 18 de setembro do corrente anno, dos quaes resultou a morte do juiz Lopez de Rueda, tornado celebre pela sua attitude declaradamente hostil ao povo. Sobre esse movimento tem-se bordado considerações de ordem varia, dizendo-se até, que os revoltosos não passavam de malfeitores, quando em verdade eram honestos filhos do povo, exasperados pela oppressão de uma politica reaccionaria e irritados pelo procedimento do juiz Rueda, que os tratou a tiro de revolver. Cullera, povoação proxima do Mediterraneo, banhada pelo rio Jucar, pertence ao districto de Sueca. Tem quinze mil habitantes laboriosissimos, os quaes tornam a terra uma das mais ricas da provincia de Valencia. Povo trabalhador, é um axioma, é povo honrado. Todavia, esses homens estavam sujeitos, até 1896, a um intoleravel caciquismo local, que suspendeu o ayuntamiento para satisfazer baixas paixões. Nesse anno triumpharam os liberaes, collocando á sua frente o liberal Sapiña y Rico, com o concurso decidido dos republicanos. A administração foi honestissima. Foi talvez por isso que em 1908 se fundou em Cullera um circulo politico independente constituido por ambiciosos de todos os grupos, com o fim de dominarem completamente a rica povoação. Calumniavam, os socios do novo circulo, os corpos administrativos pertencentes ás facções liberaes e, com a cumplicidade do governador, sr. Moreno, e do juiz, o assassinado Lopez de Rueda, conseguiram mover um processo aos homens honestos e liberaes. Estava-se em vesperas das eleições realizadas em maio do anno findo e não ha noticia de pagina mais triste na historia de Valencia. Foram postos em jogo todos os processos reprovados pela lei: a denuncia, a coacção, a ameaça, a provocação, a compra desenfreada de votos nas ruas e praças publicas. Tudo isso se fez com o apoio de alguns delegados do governador, com a garantia da impunidade e a defesa de uma secção da guarda civil de cavallaria e outra de infantaria que tomaram militarmente a povoação e as portas dos collegios eleitoraes e das residencias dos individuos mais cotados dos grupos liberaes e com a prisão de um alcaide preso em Sueca, que se conservou preso no dia do acto eleitoral até ao momento em que o juiz morto, Lopez de Rueda, lhe disse, olhando o relogio:

— Póde retirar-se; quando chegar a Cullera já está feito o escrutinio.

Em seguida foi processada a Escola Moderna e presos os que a constituiam, só pelo delicto de a esse centro de educação pertencerem e não se prestarem a votar na candidatura do reacionario Mencheta, sendo-lhes exigidas importantes quantias para sairem da cadeia. Mencheta e Lopez Rueda ficaram senhores da situação. Rueda, principalmente, prégava o ferro e fogo contra os liberaes, e quando os socios da Escola Moderna foram absolvidos exclamou:

— Calculei que os absolveriam; mas, como se tratava de *ferreristas*, julguei conveniente que fossem encerrados na cadeia, porque deste modo a prisão preventiva fazia o effeito de uma condemnação.

E' nesse estado de excitação que se preparou a revolta popular.

Os acontecimentos sangrentos

A classe operaria reclamára, por diversas vezes, algumas melhorias de situação, sem que fosse atendida. No dia 17 de setembro, cansados de serem desattendidos, os gremios de pedreiros, carpinteiros, ferreiros, sapateiros, barbeiros e caixeiros, tendo á

sua frente a União Agricola Operaria, resolveram a suspensão geral do trabalho, resolução tomada tão secretamente que a autoridade não teve conhecimento della. Manifesta-se a greve no dia 18, com a tecnica aplicaveis a taes casos, tendo havido mesmo, alguns conflictos com a guarda civil. O governador tomou algumas providencias e nada fazia suppor que os acontecimentos tomassem uma extrema gravidade. E' nessa altura que o juiz Lopez Rueda vai perturbar todo o socego, marchando de Sueca, onde a comarca a que pertencia tem séde, para Cullera, acompanhado pelo escrivão Primitivo Beltran, empregado Fernando Pastor, dois filhos deste e official de diligencias Antonio Dolz, tomando para isso o carro celular do serviço do tribunal. A povoação estava em revolta e a passagem do juiz reacionario, só de per si, constituia uma provocação. No caminho de Silla a Alicante, tres ou quatro grevistas vigiavam o caminho para não serem trahidos, e logo o juiz, que os viu, os reprehendeu, esbofeteou um e prendeu-os, fazendo-os custodiar pelos empregados do tribunal, que, de armas nas mãos, seguiam a carruagem. Em Cullera os grevistas estavam em socego, mas, á passagem pela rua de Valencia, os presos pediram aos seus companheiros que os soltassem. Dá-se então o grave conflicto. O juiz defende a sua presa ordenando ao official de diligencias que fizesse fogo contra o povo. Juntam-se mais grevistas; o juiz pretende fugir, o escrivão é ferido, o filho deste maltratado. O official de diligencias, igualmente ferido, tenta salvar-se, lançando-se ao rio. Quando o tiram para terra é morto e o seu cadaver cai pesadamente na agua. Foi cruel, não ha duvida, o supplicio deste desgraçado.

A sua morte foi, porém, devida ao juiz que o levou a fazer fogo sobre os grevistas que, tendo armas em seu poder, só fizeram uso dellas depois de aggredidos e anteriormente offendidos pelo juiz que esbofeteou um dos seus companheiros. Os presos são arrancados do carro celular e o juiz dá ordem ao cocheiro que siga para deante, iniciando-se então uma correria, que o povo acompanha, apesar dos tiros que Lopez Rueda constantemente lhe dispara, attingindo alguns nifestantes e dispara repetidas vezes o seu revolver contra elles. Os grevistas lançam-se ao assalto do Ayuntamiento, forçam a portá, sobem á janella, que é defendida a tiro pelo juiz, entram nas salas, ferem gravemente o escripturario Pastor e matam Rueda, arrastando-o até á rua. Até ao dia 21 Cullera conserva toda a ordem, mantida pelos proprios grevistas, mas então começam as prisões, *por suspeita*, entre ellas a dos vinte e dois homens que actualmente respondem. Contra esse processo tem-se levantado uma grande corrente de opinião. Parece que tudo aquillo é monstruoso, tanto mais que aos conflictos assistiram cerca de dois mil operarios.

Uma carta dos presos

Junto ao processo encontra-se uma carta dirigida por dois presos aos illustres deputados republicanos Felix Azzati e Juan Barral, que é do teor seguinte:

«*Senhores* — Anima-nos a escrever a presente a convicção que temos dos seus amores á justiça. Bem sabemos que lhes vamos occasionar um incommodo, mas é tal a nossa situação que desejamos que venham visitar-nos para lhes contar factos muito amargos, factos muito terriveis. Para conhecimento dos senhores diremos que somos os presos de Cullera. Comprehendemos o ambiente que envolve os operarios. No Ayuntamiento recolhe-se e da janella insulta os mave este processo de Cullera e por essa razão sabemos o cuidado e a delicadeza que se torna necessario empregar com respeito ao mesmo; mas é tambem para advertir que a immensa maioria só conhece a exterioridade, as apparencias. Julgamos que pela fórma por que se arrasta este processo não se podem conhecer as suas minucias e ignoramos os factos que podemos classificar de espantosos. Estes factos, como certos venenos, estão no fundo e o simples olhar não é sufficiente para os vêr. E' nosso ardente desejo que os senhores venham aqui para descobrir a verdade e mostra-la á opinião publica com todo o seu horror. Temos a esperança, ou para melhor dizer, a certeza de que seremos attendidos. Assim pensamos porque nos consta a aversão que em vossos peitos levanta toda a iniquidade.»

Para alguns dos presos o fiscal da lei pede a pena de morte.

Bilhetes e recados

Batataes — A. L. d'Almeida: Muito lhe agradecemos as palavras de animação que nos dirige. Saudações.

Jahú — M. Arena: Recebemos o boletim e transmittimo-lo á *Guerra Social.* Saúde!

Campinas — P. Bertoni: Recebemos os 10$ de sua assignatura. O *Breviario* irá assim que sair do prelo. Remettemos um pacote de numeros atrasados. Salute!

Guariba — Florencio Gonçalves & Ortiz: Recebemos os 3$ do trimestre do sr. J Sotello. O retrato foi remettido. Saudações.

Araraquara — J. L. Kuntz: Recebemos os 19$. Remettemos o premio e o bilhete. Saudações.

Bento Quirino — C. Lopes: O jornal tem sido remettido com pontualidade para essa localidade. Saudações.

Rio — J. Martins: Não foi preciso o boletim. Fizemos um aviso directamente e pela imprensa. Saúde!

Juiz de Fóra — T. R. Santos: Modificamos o endereço indicado. Procuraremos fazer o que nos lembrou. Saudações.

Guanhães — A. A. B: Recebemos o artigo e a carta. Aproveitaremos. Saudações.

Florianopolis — C. E. de M.: Recebemos as tiras, os numeros do *Clarão* e o jornal mencionado. Saudações.

Jaguary — T. de A. P.: Recebemos a importancia enviada e suspendemos.

Ariranha — V. de Rosa: Registamos o novo assignante. Agradecidos. Saudações.

Rio — S. Barbosa: Registamos os endereços indicados. Agradecidos. Saudações.

Livramento — I. C. de Mello: Já accusamos o recebimento dos 10$ de sua assignatura. Os novos assignantes foram registados. Saudações aos camaradas.

Rio — Raymundo Baptista: Recebemos sua carta. Antecipadamente agradecemos o que nos promette.

Campinas — Atheu: Recebemos o recorte e o jornal. Agradecidos.

Caconde — R Andrade: Tomamos em conta a sua reclamação. Saudações.

Porto Alegre — Boa Sorte: Recebemos a informação. Agradecidos. Saudações.

S. Paulo — D. G. da Silva: Fizemos a modificação do endereço.

Sorocaba — J. Rivier: Que bandido o tal tipo, heia? Quem não se curva a tal gente só pode esperar esse resultado. Fizemos a transferencia. Um abraço dos amigos.

Porto Alegre — P. Santos: Recebi a tua carta e faremos tudo que estiver ao nosso alcance. Saudações aos camaradas.

Taquara — P. Pita: Recebemos os 10$ de sua assignatura. O jornal já está sendo enviado. Remettemos um pacote para a propaganda. Agradecemos as informações. Saudações.

Santos — C. Zeballos: O Garrido já te escreveu a respeito. Salud!

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E', não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:
Um cento. . . . . 6$000
Avulso. . . . . . 200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

Jornaes de propaganda

O companheiro José Sanches, residente a rua Monsenhor Anacleto, 37, no Braz, com o intuito de desenvolver aqui a propaganda em hespanhol, recebe e tem á venda os seguintes jornaes: *Regeneración*, orgam dos revolucionarios mexicanos, de Los Angeles, Estados Unidos; *Tierra!*, de Cuba e *Tierra y Libertad*, de Barcelona.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residencia, nos communiquem a primitiva residencia.

FRANCISCO FERRER

Espledida revista racionalista illustrada, de Buenos Aires.

Vende-se, a 300 réis o exemplar, em nossa redacção e na agencia de jornaes da rua 15 de Novembro, 37.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . .	$200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . .	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . .	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . .	2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi.	$800
Religião e Evolução, E. Haeckel .	1$500
Sociologia Fundamental, Benteo .	5$000
Dôr Universal, Faure	1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu*	$200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
M. Devaldés, *Malthusianismo y Neo-Malthusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal*	$100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo*	$100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Almacco Libertario illustrado 1909	$300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, .	$300
L'Esprit de Révolte " . . .	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne*	$200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
A. Girard, *L'Enfer Militaire* . .	$300
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . .	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . .	$300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200

* * *

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da

Confederação Geral do Trabalho

10, BOULEVARD MAGENTA, PARIS — X

Ano . . . . 31 francos
6 mezes. 18.50
3 mezes. 9,25

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 221, com o sr. João Perrotta.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Largo de Santo Cristo, com o sr. Antonio Fittipaldi.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1.º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Avenida Central, no edificio do Lloyd (engraxate).

Rua Souza Franco, 68, com o sr. Sperduto — V. Izabel.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

Rua Uruguayana, 202, com M. J. Pereira.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.
Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

"El Motin"

«Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado. está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

Numeros atrasados

Dispomos de alguns pacotes de numeros atrasados da *Lanterna* para serem distribuidos gratuitamente.

Libres Penseurs qui lisez le français, abonnez-vous à

LA LIBRE PENSÉE

Revue internationale hebdomaire paraissant dès le 1er juillet 1911 à Lausanne (Suisse) et Evian (France)

De nombreux ècrivains de France, de Suisse et autres pays ont dèjà promis leur collaboration, parmi lesquels:

MM. Auguste Dide, Dr. A. Forel, N. Simon, Gustave Hubbard, Sèbastien Faure, Dr. O. Karmin, Herriot, maire de Lyon, A. Thalamas, etc.

M.mes Marie Bonnelvial, Ida Altmann, Alexandra David, Nely Roussel, Odette Laguerre, etc.

Abonnement: Un an, fr. 7.25 six mois fr. 3.75

Adresser toute demande:

LA LIBRE PENSÉE
LAUSANNE (Suisse)

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Limeira, com o sr. José D'Urso.

Florianopolis, com o sr Valentim Farinhas, rua Republica, 4,

Catecismo atheu

Excellente folheto, contendo 32 paginas de propaganda antireligiosa, escripto em linguagem simples e em forma de dialogo, por Brito Bethencourt

Custa 200 réis cada exemplar.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

Na rua S. Caetano, 230.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

FOLHETIM DA LANTERNA

(33) JOSÉ RIZAL

Noli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1886

(Especialmente traduzido para *A Lanterna*)

XXV

A GALLEIRA

as mãos, agitando e fazendo tilintar moedas; em quanto se procura nos bolsos a ultima moeda de cobre ou se empenha a palavra promettendo vender o carabao ou a proxima colheita, dois moços, irmãos no aspecto, seguem com olhar invejoso os jogadores, acercam-se, murmuram timidas palavras que ninguêm escuta, põem-se cada vez mais sombrios e entreolham-se com enfado e despeito.

Lucas observa-os dissimuladamente sorrie malignamente, faz tinir moedas de prata, passa perto dos dois irmãos e olha para a *Roda*, gritando:

— Pago cincoenta, cincoenta contro vinte pelo branco!

— Eu bem te dizia — murmurava o mais velho — que não apostasses o dinheiro todo. Se me tivesses obedecido teriamos agora para o vermelho!

O mais moço aproximou-se timidamente de Lucas e tocou-lhe no braço.

— E's tu? — exclamou este voltando-se e fingindo surpresa. — Teu irmão acceita a minha proposta? ou és tu que vens apostar?

— Como queres que apostemos se já perdemos tudo?

— Então acceitais?

— Elle não quer! Se pudesses emprestar-nos alguma coisa, já que dizes conhecer nos!...

— Está visto que conheço; sois Társilo e Bruno, moços e robustos. Sei que vosso valente pai morreu em consequencia dos cem açoites diarios que lhe davam esses soldados; sei que não pensais em o vingar...

— Não te intromettas na nossa vida — interrompeu Tarsilo, o mas velho. — Se não tivessemos uma irmã já ha muito que estariamos enforcados!

— Enforcados? Enforcados são só os que não teem dinheiro nem protecção. Além disso, o matto está perto para quem possue pernas ligeiras como vós.

— Cem contra vinte, no branco! — gritou alguém ao passar.

— Empresta-nos quatro pesos... três... dois — supplicou o mais joven; — logo te devolveremos o dôbro; a soltada vai começar.

Lucas arranhou de novo a cabeça.

— Schiu! Este dinheiro não é meu; deu-mo o sr. Chrysostomo para os que o queiram servir. Mas vejo que não sois como vosso pai; aquelle sim que era valente; quem não o é não procure diversões.

E afastou-se delles uns passos.

— Acceitamos: que nos importa? Tanto faz morrer enforcado como de um tiro. Não servem para outra coisa os indios pobres.

Entretanto esvaziára-se o redondel e ia começar o combate. Foi evacuada a Roda, calaram-se as vozes e ficaram no meio os dois soltadores e o perito atador de navalhas. A um signal do presidente, o perito poz a nu as finas laminas, que brilharam ameaçadoras.

Os dois irmãos aproximaram-se da barreira, tristes e silenciosos, apoiando a fronte contra o bambú. Os soltadores seguram os dois gallos, evitando ferir-se. Reina um silencio solenne. Aproximam um gallo sujeitando-lhe a cabeça, para que o outro, dando-lhe bicadas, o irrite. Depois, fazem com que se vejam frente a frente, para os pobres animazinhos conhecerem o inimigo. Eriçam-se-lhes as pennas do pescoço, miram-se com fixidez e escapam-lhes dos redondos olhos raios de colera. Chegou então o momento; depõem-nos no chão a certa distancia e deixam-lhes o campo livre.

Avançam lentamente. Ouvem-se-lhes as pisadas sobre o duro solo; ninguêm fala, ninguêm se move. Abaixando e erguendo a cabeça, como que medindo-se com o olhar, os dois gallos soltam vozes talvez de ameaça ou de desprêzo. Divisaram a folha brilhante que lança frios e azulados reflexos; o perigo anima-os e dirigem-se um para o outro decididos, mas a um passo de distancia deteem-se e com o olhar fixo baixam a cabeça e tornam a eriçar as pennas. Ha um momento de expectativa, de horrivel incerteza. Mil olhares convergem para o lugar onde os gallos permanecem ameaçadores e immoveis como que reunindo alentos para a inevitavel e encarniçada luta. Reina na galleira um silencio solenne, no meio do qual se poderia ouvir o zumbir duma mosca.

Por fim os combatentes lançam-se impetuosamente um contra o outro; chocam bico contra bico, peito contra peito, aço contra aço e asa contra asa: os golpes foram aparados com maestria e só caíram algumas pennas. De novo tornam a medir-se; de repente o branco voa, eleva-se agitando a mortifera navalha, mas o vermelho dobrou as pernas, baixou a cabeça e o branco só açoitou o ar; mas ao tocar no chão, para evitar ser ferido pelas costas, volta-se com rapidez e faz frente. Ataca-o então o vermelho com furia, mas elle defende-se com serenidade; não foi sem razão que o publico o declarou seu favorito e apostou por elle. Todos seguem tremulos e ansiosos as peripecias do combate, soltando um ou outro grito involuntario. O solo cobre-se de pennas vermelhas e brancas, tintas de sangue. Os golpes amiudam-se, mas a victoria continua indecisa. Por fim, tentando um supremo esforço, o branco arremessa-se para dar o ultimo golpe e crava a navalha na asa do vermelho; mas por sua vez foi ferido no peito e ambos exangues, extenuados, offegantes, permanecem immoveis até que o branco cai, deita sangue pelo bico e agoniza, agitando as patas lugubremente; o vermelho conserva-se a seu lado e cerra lentamente os olhos...

Então o arbitro, de accordo com o que prescreve o regulamento, declara vencedor o vermelho.

Uma gritaria selvagem sauda a sentença. Quem de longe ouve o estrepito, comprehende que é o *deixado* o que ganhou, pois do contrario o jubilo não seria tão ruidoso e duraria menos.

— Vês? — disse Bruno com despeito ao irmão, — se me tivesses acreditado ha pouco teríamos cem pesos. Por tua causa estamos sem um ceitil!

Tarsilo não replicou, mas olhou em volta como que buscando alguem.

— Lá está elle falando com o Pedro — accrescentou Bruno, — e dando-lhe dinheiro.

Lucas effectivamente, contava sobre a mão do marido da louca Sisa moedas de prata. Trocaram algumas palavras em segredo e separaram-se apparentemente satisfeitos.

— Decerto o contractou! Aquelle sim que é decidido! — suspirou Bruno.

Tarsilo permanecia mudo e pensativo.

— Irmão — exclamou Bruno, — vou eu só, se tu não te resolves.

— Espera! — replicou Tarsilo, — eu vou comtigo; tens razão; vingaremos o pai que morreu espancado.

Aproximaram-se de Lucas, que os viu vir e sorriu.

— Que ha?

— Quanto dás? — perguntaram os dois.

— Já disse: se vos encarregais de arranjar outros para surprehender o quartel, dou-vos trinta pesos a cada um de vós e dez a cada companheiro. Se tudo sair bem, receberá cem cada um e vós o dôbro. Bem sabeis que o sr. Chrysostomo é rico.

— Acceitamos! — exclamou Bruno; — venha o dinheiro.

— Já sabia que sois valentes como vosso pai! Vinde cá, para que não nos ouçam os que o mataram — disse Lucas, indicando os guardas civis

E levando-os para um canto, disse-lhes, em quanto lhes dava o dinheiro:

— Amanhã chega o sr. Chrysostomo e traz armas; depois de amanhã á noite, por voita das oito, ide ao cemiterio e vos communicarei as suas ultimas ordens. Tendes tempo de procurar companheiros.

XXVI

PLANOS SINISTROS

Ibarra passara em Manila alguns dias. Graças ao affecto do general, não lhe foi difficil ser recebido pelo arcebispo que se dignou escutar as suas explicações, e depois de lhe dar bons conselhos, levantou-lhe a excommunhão que sobre elle lançára o padre Damaso.

O joven julgara esconjurado para sempre todo perigo, e apressou-se a voltar á aldeia de San Diego, afim de adiantar o seu enlace com a filha do capitão Tiago.

Uma vez realizado o sonho da sua vida inteira, emprehenderia uma longa viagem em companhia da noiva. Deste modo conseguiria que amortecessem velhos resentimentos e não tornaria a ver o seu irreconciliavel inimigo, o padre Damaso.

Chegado á aldeia, o pobre moço experimentou uma horrivel decepção. Maria Clara mudára por completo. Mostrava-se triste e reservada e negava-se a ter uma explicação com elle. Durante a sua ausencia, estivera muito doente, e tanto frei Salvi como frei Damaso não tinham cessado de a aconselhar. Sobretudo este ultimo pareceu tê-la convencida, depois de uma demorada entrevista, de que não devia casar-se com Ibarra. Frei Damaso que, como sabemos, era padrinho de Maria Clara e sobre ella exercia grande influencia, tinha triumphado.

Todavia não estava ainda satisfeito, antes de conseguir a completa ruina do joven. Para isso traçára um plano sinistro de collaboração com o padre Salvi.

Na ausencia de Ibarra, chegára á aldeia de San Diego um moço hespanhol chamado Limares, aparentado com frei Damaso, que se apressou a apresenta-lo em casa do capitão Tiago. Limares era o noivo que agora destinavam a Maria Clara. Só o padre Salvi não se mostrava conforme com este projecto.

Ibarra, entretanto, soffria horrivelmente.

Ficava dias inteiros sem sair de casa, abysmado em tristes meditações, e tudo lhe resultava em escrever cartas a Maria Clara sem obter resposta.

Comprehendia ser frei Damaso o causador da sua desdita e mais

(Continúa).